

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Educação  
Pós-graduação em docência na Educação Básica  
LASEB

Adriana Sanches de Carvalho

As bonecas negras e a formação da identidade na educação infantil  
- Uma abordagem da lei nº 10639/03 -

Orientadora: Elânia

Belo Horizonte  
2010

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar” Nelson Mandela.

## AGRADECIMENTOS

À Deus pela minha vida.

Agradeço aos meus pais, pelo amor. Em especial à minha mãe pelo apoio constante.

Ao meu companheiro José Gontijo, apoio e parceria em todas as horas.

Aos meus filhos queridos Amaranta e Murilo, estrelas do meu caminho.

A minha irmã Vanessa, meus familiares e amigos pelo carinho.

Aos meus professores e orientadores da pós-graduação, mestres da arte de ensinar.

Aos meus professores da graduação FAE-UFMG, pelos aprendizados que me foi possível compreender.

Aos meus alunos da UMEI que tanto contribuem para o meu aprendizado pessoal e profissional.

Aos colegas de trabalho que com amizades e obstáculos impostos, me fizeram crescer como profissional e ser humano.

## **RESUMO**

Este plano de ação pedagógica busca uma aplicação prática dos conteúdos apreendidos no curso de História da África e culturas afro-brasileira, com o objetivo de implementar a lei nº 10639/03 cumprindo o que condiz com a obrigatoriedade do Ensino da História da África e cultura afro-brasileira no Ensino básico. Para atingir os objetivos propostos, realizei uma reflexão sobre a formação da identidade racial das crianças da educação infantil, utilizando como metodologia as bonecas negras como objeto lúdico de vivência infantil. Abordando a cultura afro-brasileira, outro recurso utilizado foi a confecção das abayomis e sua importância histórica para o povo negro. Este trabalho se integrou aos demais projetos da escola na área de diversidade racial e elementos da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: identidade racial; identidade na educação infantil, bonecas negras; lei nº 10639/03

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Contextualização do Campo</b>	
Histórico.....	7
Relação escola X comunidade.....	8
A proposta pedagógica.....	9
Espaço físico.....	12
Minha identidade na UMEI.....	15
Eu, as crianças e o trabalho para as relações étnico-raciais na UMEI Carlos Prates.....	16
<b>Proposta de trabalho para as relações étnico-raciais na UMEI Carlos Prates</b> .....	20
Objetivos Específicos.....	20
Metodologia.....	21
<b>Por que trabalhar com as bonecas negras em sala de aula?</b> .....	22
Abayomi:	
As bonecas negras e a afirmação da identidade racial nas crianças.....	23
Atividade com as bonecas negras.....	24
<b>Conclusão</b> .....	27
<b>Bibliografia</b> .....	29
Anexo I.....	30
Anexo II e III.....	31

## INTRODUÇÃO

O curso de especialização em História da África e culturas afro-brasileiras foi ofertado pelo LASEB – UFMG, com o objetivo de atender uma demanda surgida a partir de sancionada a Lei nº 10639/03 para ser implementada em todas as escolas do país<sup>1</sup>. A lei e as diretrizes para a sua implementação, vêm preencher uma lacuna na formação de professores nesta área. O curso, uma parceria da UFMG com a prefeitura de Belo Horizonte, busca ofertar uma série de disciplinas que possam auxiliar o professor a construir um embasamento teórico mais consistente, com vistas à implementação da legislação nas escolas.

Aos alunos foi solicitado que elaborassem um plano de ação, que é uma proposta prática, embasada em conhecimentos teóricos construídos ao longo do curso. Esse plano de ação deve contemplar uma aplicação prática e reflexões que possam nortear uma discussão mais ampla acerca do tema na escola em que trabalhamos.

O plano de ação que será apresentado no presente trabalho foi elaborado após uma vasta pesquisa bibliográfica sobre questões relacionadas ao racismo, anti-racismo, cor/raça, pertencimento étnico-cultural, identidade e identidade racial. Paralelamente a esta pesquisa bibliográfica, comecei a registrar a contextualização do campo, tendo como objeto a UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand.

Depois de concluída a pesquisa bibliográfica e decidindo utilizar como tema as bonecas negras em sua relação de construção da identidade racial das crianças, pesquisei e realizei movimentos de observação e coleta de dados das relações das crianças com as bonecas negras. Posteriormente incluí nas atividades propostas a construção de abayomis com as crianças, como forma de resgatar a sua importância cultural para a população negra.

---

<sup>1</sup> Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

Na primeira parte deste texto, apresento o contexto em que se deu a realização do plano de ação. Nela descrevo os aspectos físicos e sociais, as relações que se fazem presentes no contexto da escola, minha relação com a instituição e com as crianças. Na segunda parte, busco relatar a proposta de trabalho da UMEI para a educação das relações étnico-raciais dentro do seu ambiente escolar. Na terceira parte, descrevo o plano de ação e apresento as reflexões que surgiram ao longo da sua aplicação. Ao final, são apresentadas algumas conclusões e sugestões para o desenvolvimento de um trabalho que possa contribuir para a implementação da Lei nº 10639/03 na escola.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO**

### HISTÓRICO

A Umei Carlos Prates surgiu como uma possível solução para os trabalhadores associados da Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE) para favorecer o trabalho dos catadores, que não tendo onde deixar seus filhos, tinham que levá-los para os galpões de triagem de lixo. O projeto foi viabilizado a partir da doação da antiga sede do Clube Tremendal, feita pela Prefeitura, localizado na Avenida Nossa Senhora de Fátima, 2283 - bairro Carlos Prates. O espaço está localizado a poucos metros dos galpões da Asmare. Em visita a Belo Horizonte, em 1998, a ex-primeira dama da França, Danielle Mitterrand esteve nos galpões da ASMARE e sensibilizou-se com a situação vivida pelos catadores de papel e seus filhos. Por meio da Fundação France-Libertés, presidida por ela, Danielle Mitterrand fez uma doação em dinheiro para a construção da creche. Outra doação foi feita pela empresa Mendes Junior Trading e Engenharia SA. Essas doações permitiram a realização do antigo desejo de construir uma escola que atendesse os filhos de catadores de papel. Como a prefeitura assumiu a implantação e manutenção das escolas de educação infantil da capital, em agosto de 2004, a escola foi municipalizada e a prefeitura assumiu os gastos com a sua manutenção.

A escola foi inaugurada em agosto de 2004 e transformada na UMEI Carlos Prates - Danielle Mitterrand. Atualmente são atendidas aproximadamente 70 crianças, de zero a cinco anos e oito meses de idade. O atendimento é prioritário para os filhos de associados da ASMARE, que podem ficar na UMEI até às 21h. Além dessas crianças, a escola também atende as crianças que estão enquadradas como de risco social e o restante das vagas são preenchidas por crianças da comunidade (entorno da escola).

### RELAÇÃO ESCOLA x COMUNIDADE

A escola é bastante procurada pela comunidade do entorno e por pessoas que trabalham próximo ao centro da cidade e que gostariam de matricular seus filhos. Outro item que também aumenta sua procura seria por ela funcionar no horário integral para todas as crianças. A escola possui um espaço físico bem reduzido, o que gera enormes filas de espera de candidatos a uma vaga para estudar na escola.

A relação comunidade e escola ainda é um pouco precária. A comunidade tem pouca voz nas decisões coletivas da escola. Além disso, ela não é muito bem vista pelos educadores como uma presença que possa contribuir para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Alguns educadores acreditam que os pais por terem às vezes, hábitos culturais diferentes não apresentam nenhuma contribuição que possa ser válida para o enriquecimento desse trabalho. Alguns pais às vezes se posicionam como competidores pelo afeto das crianças, julgando que por a criança ficar bastante tempo na escola e às vezes falar muito das professoras, a escola pode diminuir o amor que ela sentiria pelos pais. A escola por sua vez também se coloca com um ambiente à parte. Não conhece e nem procura interagir com a realidade cultural das crianças. Uma questão bastante delicada é a que se refere ao cuidar e ao educar. Conceitos indissociáveis e que estão em permanente discussão entre os professores. Quando trabalhamos com crianças muito pequenas surgem vários conflitos sobre qual seria a responsabilidade da família nesse aspecto e qual

seria a parcela que cabe à escola como instituição educativa e cuidadora. Quase não ocorrem reuniões de pais. No entanto, quando a comunidade escolar é chamada a participar, ela comparece e demonstra ter um bom conceito da escola. Alguns pais sempre comparecem e elogiam a escola e dizem que o filho desenvolveu bastante. Todas as crianças matriculadas ganham agendas no início do ano. A agenda funciona como um instrumento de comunicação entre pais e professores. Nela são colocados bilhetes sobre questões administrativas e de calendário e também comunicando características do comportamento das crianças e um pouco da sua rotina. Ex: Se comeu bem, se dormiu etc. As agendas são mais utilizadas pelas turmas de crianças menores (até 3 anos). A coordenação ainda não conseguiu realizar um padrão para essas anotações e cabe mais ao professor decidir o que escrever ou não.

### A PROPOSTA PEDAGÓGICA

A proposta pedagógica da escola foi construída há alguns anos atrás por meio de assessoria externa. Os professores da escola não a reconhecem como uma reflexão do coletivo. Dizem que ela foi elaborada por uma única pessoa terceirizada e que muitas coisas escritas nela não refletem o cotidiano da escola. Atualmente a escola está desenvolvendo uma nova escrita do projeto político pedagógico (PPP), que teve início no segundo semestre de 2008. Os professores divergem em vários aspectos e por isso temos avançado, mas em passos lentos. Acredito que quando ficar pronta, essa proposta será mais fiel as ideias e expectativas dos professores, funcionários e comunidade escolar. Um dos princípios norteadores é a linguagem do brincar, que perpassa todo o trabalho da educação infantil. No que se refere às relações étnico-raciais, observa-se que a reflexão sobre elas estão presentes na prática de alguns professores que lutam para incorporar essa temática ao PPP. No entanto, essa questão ainda é um desafio para nós profissionais.

Um exemplo disso foi o embate que ocorreu durante o trabalho que propus no segundo semestre de 2009, desenvolver com as crianças da Umei resgatando a bonequinha preta de Alaíde Lisboa em uma perspectiva racial. O meu

objetivo era utilizar essa história para valorizar a cultura negra e introduzir temas relacionados a África e a cultura afro-brasileira. Escolhi a bonequinha preta porque muitos alunos já conheciam a história e tinham o livro, que fez parte do kit literário da Prefeitura no início do ano. Além disso é uma história simples, de fácil compreensão e que envolve bastante as crianças por ter uma boneca como personagem central, objeto que faz parte do universo cultural da infância.

Me lembrei então de uma música que cantava a história da bonequinha preta com uma conotação mais social, relacionando-a com elementos da cultura afrobrasileira. A letra da música era

*Bonequinha presta atenção  
No balaio daquele verdureiro:  
Tem alface, tomate, pimentão,  
Rabanete rebolando o traseiro...*

*Espia o espinafre e o almeirão,  
O jiló com o jeito bem brejeiro,  
A couve-flor... ah! Nunca houve um cheiro  
Com tal sabor como o manjeriço!*

*Olha o alho, arrebatada a beterraba!  
Boquinha pronta pra comer chicória  
E um quilo de quiabo que se baba!*

*Só falta, bonequinha, nesta história,  
Calunga, orixá, babalaô,  
Descendo no terreiro de vovô...*

(Maciel,2005)

Quando comecei a trabalhar com essa música que fazia referência a religiosidade africana, uma colega professora, questionou a minha escolha dizendo que a letra da música invocava o preto velho e que isso era um ritual de umbanda e candomblé. Ela disse isso deixando claro que ela se referia a essas religiões como “coisa do demônio”. Depois disso, um grupo de professoras, lideradas pela coordenadora, que era da mesma opinião, se juntou para condenar a bonequinha preta e disseram muitas coisas que demonstravam como a idéia da demonização da religiosidade africana estava arraigada entre elas, caracterizando preconceito racial. Queria que eu

retirasse a música de todo jeito ou que na pior das hipóteses, eu tirasse a última estrofe da música.

Isso para mim foi muito absurdo e mais uma vez só veio demonstrar o despreparo dos profissionais da educação em lidar com temas como esse. Se somos formadores de opinião, temos que ser muito conscientes do nosso papel e buscarmos nos informar e livrar-nos dos preconceitos. Enfrentei uma pressão muito grande, mas eu não conseguia ver uma boa razão para mudar a música. Teve professora que chegou a falar com os alunos que essa música não ia tocar, mesmo sabendo que eu já estava ensaiando as crianças.

Pensei muito e resolvi que realmente eu não ia desistir de trabalhar com essa música. Quando eu comuniquei isso, a diretora me disse que as acompanhantes da escola na Regional da Prefeitura iriam até a Umei conversar com a gente. Elas foram e eu gostei muito da conversa, pois tive a oportunidade de expor os meus pontos de vista e mostrar a elas a música. Elas entenderam e me apoiaram em manter a música. Também fui junto com a diretora da escola procurar a Rosa, funcionária do Núcleo de Relações Étnico Raciais da SMED (Secretaria Municipal de Educação), depois que relatamos o acontecido ela também me apoiou em manter a música e a dança da bonequinha preta e disse que achava que eu realmente não deveria trocar porque a essa altura dos acontecimentos se eu fizesse isso, estaria cedendo às pressões da coordenadora e das professoras que se manifestaram contra. Mas ela também disse que acreditava que essas professoras fizeram isso se baseando no dogma das suas religiões. E que as religiões cristãs tem reforçado a idéia da demonização das religiões de matriz africana, e isso é uma barreira muito difícil de transpor.

Eu me manifestei várias vezes durante o projeto lembrando as professoras da minha escola da existência da lei nº 10.369, que torna obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira na escola, mas acredito que elas preferem deixar a questão de lado. Talvez por saber que esse é um tema polêmico, a grande maioria prefere não se manifestar e perpetuar uma atitude de invisibilidade de conflitos raciais dentro da escola.

## ESPAÇO FÍSICO

A escola se situa em um prédio pequeno, em um lugar de trânsito bastante movimentado, próximo ao Elevado Castello Branco, na Avenida Nossa Senhora de Fátima, 2283, no bairro Carlos Prates. A parte ocupada pela escola é no primeiro andar, a partir de uma rampa de acesso da rua. No segundo andar deste prédio fica um centro de apoio e de atividades esportivas para pessoas portadoras de necessidades especiais. Esse Centro de Apoio, apesar de estar no mesmo prédio da UMEI, pertence à Secretaria dos Esportes e muitas vezes a UMEI encontra dificuldade em usar suas instalações para desenvolver projeto e eventos. Isso muitas vezes é necessário devido ao pouco espaço físico da UMEI.

Logo na entrada da escola está o **parquinho**. É um espaço todo cimentado, com uma pequena horta nas laterais, no centro ficam alguns brinquedos como: escorregador, balanço, casinha.

Após o parquinho, temos uma pequena sala na qual funciona a secretaria e a coordenação/direção. Essa sala possui um banheiro que é usado pelas educadoras, secretária, coordenação e direção.

A UMEI possui 5 (cinco) salas que atendem aproximadamente 82 alunos. As salas são divididas da seguinte maneira: As crianças de 4 meses a um ano ficam no berçário, chamado de *Bolinha de Sabão*; as crianças de 1 a 2 anos ficam na sala chamada de *Passa-anel*; as crianças de 2 a 3 anos ficam na sala denominada *Faz-de-Conta*; as crianças de 3 a 4 anos ficam na sala denominada *Cirandinha* e, por falta de espaço, as crianças de 4 a 5 anos (e até completarem 6 anos) ficam em uma turma mista, atendendo idades diferentes que é denominada *Amarelinha*. O berçário e a sala de 1 a 2 anos são as únicas que possuem espaço próprio para banho dos bebês, trocador com pia para lavar as mãos e vaso sanitário infantil. A sala de um a dois anos é a única que possui uma área externa descoberta para atividades com os

alunos. A turma mista, de 4 a 6 anos, possui uma pia para os alunos lavarem as mãos.

Na parte central da Umei fica o refeitório, coberto com três mesas e seis bancos compridos, neles os alunos se sentam para fazerem as refeições. Há também uma “mesa dos professores” comprida usada para elaboração de projetos e elaboração de material pedagógico.

As crianças ficam em turno integral. A maioria das crianças fica no turno da manhã e tarde e sai às 17h30min. As crianças com pais vinculados à ASMARE ficam também no noturno. A escola funciona de 7:00 às 22:00 horas), com quatro turnos de professores.

Saindo do refeitório, temos um pequeno corredor com escaninhos individuais onde os professores guardam seus objetos pessoais, além de armários com material escolar e livros de literatura.

Ao final do corredor, à esquerda, há dois banheiros para os alunos (um para meninas e um para meninos com três vasos sanitários infantis cada, duas pias e dois chuveiros). À direita, temos um banheiro para os funcionários, uma despensa onde a escola guarda os alimentos para a merenda escolar e o acesso à lavanderia e a cozinha. A lavanderia divide o pequeno espaço com uma mesa com café para os professores e funcionários, além de ter um computador que não é utilizado por ninguém. A direção anterior disse que o computador iria ser disponibilizado para os professores, mas que precisava ser ligado pelo pessoal do setor de manutenção de computadores da PBH. Como isso não aconteceu, ele foi encostado. Muitas vezes as professoras que precisam utilizar o computador tem que esperar, já que todos tem que utilizar os computadores da secretaria e coordenação/direção, o que causa um “congestionamento” nessa sala. Na lavanderia também ficam os escaninhos dos funcionários terceirizados.

A cozinha atende aos alunos e professores através de duas “janelas” voltadas para o refeitório. Depois da lavanderia e cozinha temos uma reduzida área

lateral, descoberta, para secagem de roupas, e duas pias que auxiliam o serviço da cozinha.

A escola possui atualmente mais ou menos 25 professoras que são concursadas pela prefeitura de Belo Horizonte com o cargo de Educador Infantil. Para o concurso desse cargo foi exigido que o profissional tivesse Magistério das matérias pedagógicas – Nível Médio. No entanto, a maioria dos profissionais de nossa UMEI tem curso superior, alguns já com pós-graduação. A Prefeitura de Belo Horizonte, portanto, apesar de atribuir às educadoras infantis atribuições de professoras, como preenchimento de diário de classe e planejamento de atividades e projetos, não reconhece as educadoras como tal, gerando diferenciação no salário e no plano de carreira.

A escola funciona com as mesmas crianças em período integral, mas com turnos de professores a cada 4 horas mais ou menos. Sendo assim, cada aluno convive com a presença de aproximadamente quatro educadoras diferentes por dia. A comunicação é um problema grave na UMEI, o que já foi discutido na última reunião pedagógica e a direção e a coordenação busca solucionar. No geral, os professores não se comunicam bem inter-turnos. Cada professor trabalha da sua maneira, seguindo orientações gerais da Secretaria Municipal de Educação e desenvolvendo alguns projetos maiores que são feitos na escola toda. O projeto sobre identidade está sempre presente em todas as turmas. O seu objetivo é desenvolver nos alunos a consciência de si mesmos como sujeitos, pertencentes a uma sociedade, mas que tem características próprias que o diferem dos outros. A educadora que hoje se encontra no cargo da direção da Umei, deu a este projeto um recorte mais étnico racial, visando desenvolver a auto-estima dos alunos negros, reforçando sua identidade e expandindo o seu conhecimento sobre a África e os temas relacionados a cultura afro-brasileira. Algumas professoras a seguiram interagindo e tomando parte do projeto que foi nomeado de “Identifique-se”.

## MINHA IDENTIDADE NA UMEI

Quando ingressei na rede municipal de educação, em junho de 2005, fui lotada em uma UMEI situada na Pedreira Prado Lopes, que na verdade ainda estava em construção. Como fiquei lotada em uma UMEI que ainda não existia, fui cobrir uma licença maternidade de quatro meses de uma educadora da UMEI Carlos Prates. Terminada essa licença, voltei para a UMEI de origem (Vila Senhor dos Passos) e iniciei as minhas atividades nesta UMEI no início de 2006. Fiquei lá até outubro do mesmo ano, quando surgiu a oportunidade de me transferir para a UMEI Carlos Prates.

Estando na UMEI Carlos Prates desde outubro de 2006, fiquei inicialmente no horário intermediário (de 11:30 às 16:00 horas). No início de 2008, mudei para o turno da tarde (13:00 às 17:30 horas) e estou trabalhando nesse horário até os dias atuais.

O turno da tarde geralmente tem o horário de 13:00 às 13:50 hs reservado para planejamento e elaboração de projetos pedagógicos. Nesse horário, geralmente as crianças estão na hora do sono, junto com as professoras do turno intermediário. Minha rotina com os alunos inclui atividades pedagógicas e acompanhamento dos alunos na alimentação (lanche e jantar).

Tenho um relacionamento bom e tranquilo com as demais professoras e funcionários da UMEI. A escolha das turmas pelas educadoras acontece seguindo o critério de uma lista de acesso da data de chegada da educadora na escola. Durante o ano de 2009 trabalhei com a turma denominada Amarelinha (turma mista com idade de 4, 5 e 6 anos) e para o ano de 2010 escolhi permanecer na mesma turma. Alguns alunos que foram meus em 2009 serão novamente da mesma turma em 2010.

Eu me interessou muito pelo meu trabalho e pela escola de uma forma geral. Procuro ajudar a todos e participar das decisões coletivas da escola. Para tentar informar a pais e educadores de outros turnos sobre projetos e eventos

acontecidos na escola, criei um blog para a UMEI. O endereço é <http://www.umeicarlosprates.blogspot.com> , na internet desde junho de 2009. Muitas educadoras e pais de alunos já comentaram sobre o blog e elogiaram a iniciativa. Criei o blog contando com a colaboração de outros educadores para divulgarem seus projetos, mas por enquanto, poucos se interessaram. Minha iniciativa surgiu por dois motivos: 1. Gosto muito de computador e da internet e acredito que ela pode ser um meio interessante de divulgação do nosso trabalho. 2. Além de divulgar o nosso trabalho para os pais e demais interessados, o blog pode ser uma ferramenta que auxilie a interação dos demais integrantes da escola. Isso surgiu por perceber que a comunicação em nossa escola é extremamente falha e muito ineficaz. Acredito que a pequena participação dos educadores no blog, se deve em primeiro lugar ao fato das pessoas no geral, terem grande dificuldade de trabalhar em grupo e de expor suas idéias e projetos. Tenho feito propaganda do blog e divulgado entre os pais. Alguns me deram retorno comentando sobre algumas fotos ou projetos exibidos. Mas penso que as pessoas na verdade se interessam pouco em manter essa coletividade do trabalho. As pessoas estão muito individualistas hoje em dia e isso se reflete nas ações mais simples, como a pequena participação das pessoas no blog.

#### EU, AS CRIANÇAS E O TRABALHO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA UMEI CARLOS PRATES

Conforme citado anteriormente, em 2010 passaria a acompanhar a turma *Amarelinha* com crianças com idade de 4, 5 e 6 anos. Por ser uma turma mista, às vezes acho bastante difícil o desenvolvimento do trabalho, pois nessa idade as crianças apresentam um salto de desenvolvimento muito grande de um ano para o outro. Mais do que nunca, preciso perceber as individualidades e o potencial de cada criança. A turma comporta até 23 alunos. São crianças pobres e que às vezes sofrem por falta de cuidados e por condições financeiras precárias de suas famílias. São expostas a vários males da nossa sociedade contemporânea, como abandono, violência doméstica, abuso sexual etc. A maior parte dessa turma é composta de afro-brasileiros. Desde muito novos podemos notar a manifestação do preconceito entre eles, inclusive do

preconceito racial. Algumas crianças de pele clara não queriam se sentar próximos de crianças negras, não queriam dar a mão, as xingavam de feias e não queriam brincar juntas. As crianças negras por sua vez apresentavam sentimentos de negação. Se algum colega dissesse que elas eram negras elas logo diziam: *Eu não sou negra não*.

O ano de 2009 foi muito significativo para mim na UMEI, pois foi o primeiro ano em que atuei como professora referência de uma turma. Anteriormente, por meu horário ser no turno intermediário, eu ficava como apoio, auxiliando algumas atividades de outros professores e acompanhando-os durante o período de sono. No ano de 2009 então tive a oportunidade de desenvolver um trabalho relativo à consciência negra na escola utilizando a literatura e as artes visando à valorização da cultura negra. Inicialmente situei a história da bonequinha preta como um personagem que teve origem na África ( de onde todas as pessoas vieram). A África foi entendida no projeto como nosso lugar de origem. Assim fomos conhecer um pouco mais do continente africano. Procuramos no globo a localização geográfica da África e do Brasil para contar que muitas pessoas viajaram pelo mar antes de chegar ao Brasil, e que aqui elas tiveram filhos e netos. Ouvimos e conhecemos alguns países da África através da música *África* do grupo “Palavra Cantada”.

Uma coisa que já tinha percebido antes era a resistência dos alunos em colorir pessoas ou outros desenhos com a cor preta. Montei então um desenho da bonequinha preta para que eles pudessem fazer a sua bonequinha. Cada um iria colorí-la (qual é mesmo a cor da bonequinha?), eles também fizeram os olhos, a boca e enfeitaram como quiseram e tinham umas roupas cortadas no papel em que cada aluno escolhia o modelo que queria e colava na boneca, vestindo-a. Mas as crianças demonstraram certa resistência em usar o lápis da cor preta para colorir a boneca. Elas queriam o tempo todo confirmar se podiam mesmo colorir de preto e perguntavam com cara de admiração e espanto: *Posso mesmo colorir de preto?!?* Ao final do trabalho as bonequinhas pretas ficaram lindas.

As educadoras das turmas Cirandinha e Amarelinha tiveram a oportunidade de levar as crianças a uma excursão ao *Quilombo do Sapé* (Brumadinho / Moeda) onde elas puderam conhecer um pouco mais sobre a cultura dos afro descendentes moradores de quilombos. Foi uma experiência muito rica para as crianças. Na Semana da Consciência Negra nossos alunos puderam ver, conhecer e participar de uma roda de capoeira na escola. Eles gostaram muito.

Na festa de despedida dos alunos que iriam sair da escola no final do ano, como o tema era relacionado aos contos de fada, a turma Amarelinha dançou uma música referente à história da Bonequinha Preta de Alaíde Lisboa. Escolhi essa música juntamente com as crianças e procurei dar ênfase à questão étnico-racial, valorizando a boneca como uma personagem negra com qualidades diversas. As meninas se fantasiaram de bonequinhos pretas e apesar do conflito que surgiu com a apresentação da música, elas dançaram muito bonito na festa de final de ano.

O projeto foi avaliado de forma gradativa de acordo com o envolvimento e a mudança de postura dos alunos. Já estava percebendo um encantamento com a bonequinha preta e uma mudança com relação à questão racial entre os alunos. E um dos alunos que mais apresentava atitudes de preconceito racial, ao final do projeto acabou participando e gingando capoeira junto com as crianças negras, curtindo aquele momento e demonstrando uma mudança de atitude.

Ao final do ano, após toda essa jornada de trabalho, acredito que nós (eu e os alunos) saímos mais fortalecidos. Eles demonstraram no fim do projeto que gostavam e admiravam bem mais a bonequinha preta. Teve uma aluna (de pele muito clara) que chegou para mim e disse que o avô dela era negro, o que acredito não ser verdade. Penso que ela disse isso pela valorização que eu procurei dar à identidade negra. Os alunos estavam mais abertos a aprenderem mais sobre a África e a reconhecerem os afro-descendentes e a si próprios como sujeitos de valor e de direitos.

Na UMEI Carlos Prates a coordenação ainda tem muitas dificuldades de desenvolver um trabalho pedagógico de equipe. Isso se deve a vários

aspectos, entre eles a sobrecarga de funções administrativas para a diretora e a coordenadora. A escola é pequena, mas tem muitas professoras nos diversos horários e somente uma coordenadora para o período diurno. Além disso, a coordenadora não tem formação específica, ela possui Magistério a nível médio, o que acredito eu dificulta o desenvolvimento de um trabalho mais eficaz junto às professoras. E isso fica claro nas atitudes que ela tomou com relação ao projeto da bonequinha preta, conforme relatado anteriormente.

Os objetivos gerais quase sempre são definidos pelas professoras da turma, com base nas Propostas Curriculares para a Educação Infantil definidas pela Rede Municipal de Educação. Os objetivos específicos e os projetos ficam a cargo das professoras, baseados nos objetivos gerais, mas cada uma tem autonomia para desenvolver seu trabalho da forma que preferir.

Procuro orientar o meu trabalho com as crianças pela perspectiva do letramento. Com isso quero ressaltar que a educação infantil não tem como objetivo alfabetizar as crianças, mas sim levá-las a conhecer o mundo das letras. Isso acontece de várias maneiras no cotidiano da sala de aula. Vários gêneros textuais são trabalhados em sala, lidos, contados, utilizados para reflexão ou como elemento gerador de novos temas de discussão. As letras do alfabeto estão presentes nos nomes dos alunos e em diversos jogos de material concreto ou mais abstrato. As crianças sempre têm à disposição livros e são incentivadas por mim a escreverem espontaneamente as palavras que elas querem ou que se relacionam a um contexto específico. Também utilizo cartazes com imagens e letras que são trabalhadas junto com as crianças em várias ocasiões.

As artes também estão presentes durante todo o ano letivo, principalmente através do desenho e da pintura. Entendendo o desenho como a primeira escrita da criança, elas são incentivadas a desenharem bastante, utilizando diversos suportes e materiais.

A brincadeira também é essencial para o desenvolvimento da criança e permeia todo o trabalho da educação infantil. Ela está presente nas diversas atividades cotidianas, de forma livre e orientada. Ela também é utilizada como ferramenta de observação das crianças e através dessa observação pode surgir temas para projetos ou para serem trabalhados com os alunos.

## **PROPOSTA DE TRABALHO PARA AS RELAÇÕES RACIAIS NA UMEI CARLOS PRATES**

Partindo dos trabalhos realizados com a turma nos dois anos anteriores, propus utilizar as bonecas negras como recurso pedagógico, com o objetivo de contemplar a implementação da Lei nº 10.639/03 em turmas de educação infantil. Para isso, escolhi trabalhar com bonecas negras em sala de aula a fim de promover a discussão racial e contribuir para a valorização da identidade negra entre as crianças da turma.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Os objetivos específicos deste trabalho foram:

- criar espaço na sala de aula para a valorização das características étnicas das crianças negras, possibilitando sua identificação positiva com sua cor, a partir do princípio do respeito às diferenças e do fortalecimento da auto-estima;
- valorizar as heranças africanas, promovendo discussões, buscando desenvolver uma postura afirmativa diante da historicidade negada;
- Promover discussões na comunidade escolar sobre sobre raça e cultura. Isso será feito durante o segundo semestre através de conversas e divulgando conhecimentos que valorizem a cultura negra e os personagens históricos negros que marcaram seu tempo;
- Utilizar as bonecas como material pedagógico e objeto lúdico através das brincadeiras de faz-de-conta, ressaltando as qualidades da boneca e possibilitando a identificação das crianças com esse brinquedo;
- Incentivar a reeducação das relações étnico-raciais de todos os envolvidos, estimulando a resolução de conflitos.

## METODOLOGIA

Esse trabalho foi executado em quatro fases subsequentes:

1ª fase	2ª fase	3ª fase	4ª fase
De Julho de 2009 à Julho de 2010	Julho e Agosto de 2010	Setembro de 2010	Outubro de 2010

Na primeira fase utilizei pesquisa bibliográfica a fim de conhecer melhor o tema e identificar pontos que poderiam ser trabalhados com os alunos. Na segunda fase foram realizadas conversas e entrevistas com os familiares acerca do seu pertencimento étnico-cultural e suas inserções culturais, buscando coletar dados que pudessem sugerir uma melhor forma de se trabalhar um plano de ação que atingisse todas as crianças. (Anexos I e II). A terceira fase abrangeu a observação e o registro das crianças no seu modo de brincar e interagir com as bonecas. Na quarta e última fase, sugerimos brincadeiras incluindo as bonecas negras e realizamos uma oficina de construção de abayomis junto às crianças, depois de explicar o que as abayomis significam para parte da população negra.

### **Por que trabalhar com bonecas negras em sala de aula?**

As bonecas expressam valores construídos pelo mundo adulto, além de conquistas tecnológicas e de padrão consumista impostos pela lógica do mercado capitalista de padrão eurocêntrico. É cada vez mais comum encontrarmos as bonecas que falam, movem as pálpebras e possuem outros recursos tecnológicos (quase sempre loiras e de olhos azuis). Tornam-se, dessa forma, um objeto de desejo de todas as crianças, negras e brancas. A boneca, como produto cultural e simbólico, torna-se então instrumento de dominação cultural. Figuras que impõem padrão de beleza eurocêntrico influenciando precocemente as crianças a adotarem este padrão. Essas

bonecas sempre foram de alto custo e por esse motivo, no passado, os mais pobres tinham por hábito confeccionar suas próprias bonecas, geralmente de pano.

As primeiras bonecas do Brasil eram de porcelana, trazidas da Europa, e expressavam o padrão físico dos brancos. Com o uso da tecnologia, surgiram outros materiais para a confecção das bonecas, mas elas continuaram mantendo o padrão europeu do início. A grande maioria das bonecas são de pele clara e olhos azuis.

Segundo Vasconcelos (2010), dificilmente vemos uma criança do gênero masculino ganhar uma boneca de presente e isso aponta para a forte relação que a boneca possui na construção identitária dessas crianças e suas relações com o imaginário infantil. A boneca então surge como a materialidade de possíveis realizações de desejos e expressões do fator psicológico da criança. Medo, dor, angústia, sofrimento e vários outros sentimentos podem ser expressos e re-dimensionados a partir da interação com esse objeto lúdico,

Todo ser necessita diferenciar-se e reconhecer-se (...) em relação ao outro, não como melhor ou pior, mas como diferente e ao mesmo tempo complementar, pois desta forma sente-se pertencente a uma sociedade. A construção da identidade afeta a vida escolar e a trajetória de um aluno. O aluno negro precisa ver-se e ser visto pelo outro para fortalecer-se nas diferenças e semelhanças. (SILVA, 2008)

Para ter oportunidades iguais de consolidação da sua identidade, a escola precisa criar condições para que a criança negra se veja contemplada em suas diversas dimensões, e as bonecas negras podem ser um importante instrumento de opção, oferecendo uma alternativa de contato com outro padrão de beleza que não o branco e eurocêntrico.

ABAYOMI : AS BONECAS NEGRAS E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE  
RACIAL NAS CRIANÇAS

Abayomi : história de uma estratégia de sobrevivência cultural

A palavra Abayomi tem sua origem na língua africana yorubá e quer dizer *encontro feliz*. As bonecas abayomis, são conhecidas como bonecas feitas de pedaços de panos, sem costura nem cola. Os nós no tecido tomam o lugar da cabeça, membros, mãos e pés que formam por fim, o corpo da boneca, pronta para fazer parte do universo infantil.

No movimento negro do Maranhão algumas integrantes contavam uma história de que os negros confeccionavam abayomis como amuletos de proteção espiritual. Nas viagens para o Brasil em direção à escravidão, as mulheres rasgavam a barra da saia e faziam abayomis para as crianças brincarem.

Desde então a abayomi constitui-se como uma estratégia de sobrevivência de uma expressão da cultura afro-brasileira em que as bonecas, sempre negras, afirmavam sua identidade racial, colocando como elemento de expressão lúdica para que as crianças possam apoiar-se nelas para expressarem seus conflitos. *Nas brincadeiras se aprende e são incorporados conceitos, preconceitos e valores. Nelas se expressam nossas múltiplas belezas, como também as mais sutis e grotescas mazelas humanas e sociais.* (Debortolli, 2002) As brincadeiras nos dão a oportunidade de elaborar e refazer conceitos e atitudes que se interpõem na nossa vivência social, possibilitando-nos melhor compreendermos o nosso lugar no mundo.

Experiência de empoderamento das mulheres negras e de resistência e reexistência do povo negro na sociedade brasileira, as bonecas confeccionadas como abayomis propõem um olhar para a cultura negra e afro-brasileira. Com as abayomis podem ser representadas as pessoas de uma família: pai, mãe, filhos, irmãos etc e elementos que remetam a cultura afro-brasileira como capoeiristas, orixás etc. É aí, que segundo Carvalho (2006), valores culturais e sociais são reinterpretados e compartilhados por um número

cada vez maior de brasileiros. Entre eles, os artistas populares que são portadores de um significativo saber cultural, pois traduzem conscientemente suas criações a realidade histórica, vivenciando, agindo, reagindo e refletindo sobre ela.

### ATIVIDADE COM AS BONECAS NEGRAS

As atividades realizadas com as crianças se deram a partir da inserção de uma boneca de pano negra. Ela foi apresentada em uma roda com os alunos falando que naquele dia eles ganhariam uma visita especial. As crianças inicialmente não apresentaram nenhum tipo de resistência e diziam que ela era muito bonita, incluindo-a nas suas brincadeiras de faz de conta. Como ela era “novidade” na sala todas as meninas queriam brincar com ela, e os meninos continuavam brincando com as suas brincadeiras usuais (carrinho e jogos).

Alguns dias depois, sugeri que todos pensássemos em um nome para dar à boneca. Foram apresentadas algumas sugestões e ela ganhou o nome de Carolina. Até esse momento, apesar de não demonstrarem preconceito, somente as meninas brincavam com a boneca.

Alguns dias depois, eu introduzi a brincadeira com a “família terapêutica”. Esse brinquedo consiste em pequenos bonecos de madeira que representam elementos familiares (mãe, pai, avó, criança, bebê etc). Lá na minha escola tem uma família branca e uma negra. Eu dividi a sala em dois grupos e misturei os elementos da família para ver como os alunos iam se comportar. Os meninos então aceitaram se incluir na brincadeira. A maioria começou uma brincadeira de faz de conta imitando elementos familiares, até que uma criança que estava mais quieta falou para os colegas que eu tinha misturado as famílias e que isso não podia. Aí eu perguntei porque. E ele respondeu que uns eram negros e tinham que ficar de um lado e outros brancos teriam que ficar do outro. Mas aí outros entraram na conversa dizendo que não tinha nada a ver e eu perguntando porque eles achavam isso. Eles disseram que tinham famílias que tem pessoas claras e escuras. A brincadeira continuou.

No dia seguinte, continuando a brincadeira com as bonecas, quando uma colega quis “casar” o boneco negro com a boneca branca, o menino não queria mais participar e os alunos ficaram agitados. E aí é que todos queriam mesmo fazer o “casamento” dos dois bonecos.

Quando eu e as crianças chamamos o menino para participar, ele disse que não que não queria. Alguns então indagaram: *Mas quem vai ser os filhos deles?*, explicando que se misturassem os bonecos os filhos seriam “morenos” e só tinham bonecos brancos e pretos. Mas eles fizeram os casamentos mesmo assim e colocaram uns filhos brancos e uns negros.

Na aplicação dos questionários feita anteriormente com os pais, eu havia incluído as categorias raciais como abordadas pelo IBGE (pretos, pardos, indígenas, brancos, amarelos). Pelas conversas informais realizadas antes, explicando o trabalho, ficou evidenciado que esse tema é bastante difícil de ser abordado e que as pessoas têm muitas dúvidas. Um dos pais não declarou seu pertencimento étnico-racial e também somente um deles assinalou preto.

Será que o pardo reflete esse “moreno” que as crianças declararam em sala? A presença maciça de pais que assinalaram a categoria “pardos” – pelo IBGE incluídos na categoria maior – Negros – tem consciência do fato? Será que eles assumem sua identidade afro-descendente? Nas outras perguntas colocadas somente um se declarou como consciente do preconceito racial existente na sociedade. E nenhum declarou nenhum tipo de atividade profissional, de lazer ou religiosa, relacionada à cultura afro-brasileira.

Isso se coloca, portanto, como um grande desafio para todos os educadores que querem abordar a temática racial nas escolas. Como ajudar a criança desde bem pequena a construir sua identidade racial em uma sociedade que invisibiliza o preconceito racial? Como não perpetuar a intolerância e injustiça entre os diversos grupos raciais dentro da escola?

O próximo passo foi a construção das abayomis. Já cheguei na sala dizendo que íamos fazer uma atividade muito legal. Inventei uma história fantasiosa de uma mulher negra muito linda que estava com sua filha em um navio e sua filha lhe pedia uma boneca. Mas como não tinha como comprar, a mãe rasga um

pedaço de sua saia e, mesmo sem tesoura ou cola, somente com o tecido, faz uma pequena boneca para a menina brincar, com nós feitos do pano da saia. Nesse momento, eu disse que a menina colocou o nome da boneca de abyomi, que na língua yorubá (do país no qual ela tinha nascido, lá na África) significa *aquela que traz felicidade*.

As crianças gostaram muito da história e então eu propus que construíssemos também uma boneca assim como a abayomi. Disse que a boneca seria construída para eles e por eles e eu só iria ajudar. As crianças gostaram demais, e à medida que ficavam prontas, já começavam a brincar de faz de conta umas com as outras.

Acredito que essa proposta de trabalhar com as bonecas negras dentro da sala é de vital importância para a educação infantil. A criança precisa conviver e se reconhecer em diversos papéis para que possa reorganizar sua forma de ver a vida e os seus sentimentos, sendo assim preparadas para ajudarem na construção de uma sociedade mais justa.

## CONCLUSÃO

Realizar o curso de História da África e culturas afro-brasileiras foi muito importante para o meu crescimento pessoal e profissional. Ele me suscitou questões nunca antes refletidas e me envolveu em um processo de questionamento da minha própria identidade étnico-racial e meu lugar no mundo. Também me colocou diante das minhas responsabilidades e meus compromissos com a educação e com os meus alunos.

Acredito que o plano de ação desenvolvido atuou de forma positiva, integrando-se aos demais projetos da escola que busca atender a demanda da lei nº 10639/03. Há alguns anos a nossa escola já busca realizar atividades e projetos com tal objetivo, a maior dificuldade que ainda encontramos, é que não há um posicionamento claro da abordagem a ser realizada no PPP da escola. Além disso, há uma parcela do corpo docente que demonstra resistência em vários temas, por preconceito e/ou desconhecimento da realidade. Também existe quase um consenso “anti-racista” entre pais e educadores que acreditam que a escola e a sociedade e todos os envolvidos nela não são racistas e nem adotam atitudes preconceituosas. Isso mostra claramente como a *idealização do Brasil como democracia racial é enraizada(...)* e *remar contra a correnteza dessa idealização, pode suscitar, formas de repressão simbólica e física.* D’Adesky (2005) Mas é fácil perceber as desigualdades. E as crianças desde pequenas percebem isso e reproduzem o que o meio lhe mostra como padrão de comportamento.

As bonecas negras, possuem forte potencial para a criação, expressão e reflexão das crianças dentro das escolas e por isso acredito que elas devam ser mais utilizadas em sala de aula e principalmente na educação infantil. As crianças puderam fortalecer a sua auto-estima, ao se verem representadas de forma bonita, sendo assim valorizadas. O respeito às diferenças foi cultivado principalmente na atividade das famílias terapêuticas, quando as crianças tiveram a oportunidade de refletirem e reformularem seus conceitos pré-estabelecidos.

Um dos caminhos que acredito possa ser útil para todos na escola é o incentivo e a disponibilização de material de pesquisa para o desenvolvimento de projetos que contemplem a diversidade étnico-racial dentro das escolas. Esse deveria ser um dos principais eixos a serem trabalhados nas escolas por meio do seu projeto político pedagógico.

**BIBLIOGRAFIA**

CARVALHO, Luciana Grether de Mello. *Abayomi – o design nas amarrações dos fios femininos na bandeira de uma cooperativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2006.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, Alysson, SALLES, Fátima, GUIMARÃES, Marília (orgs.) *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MACIEL, Caio Junqueira. *Era uma voz...: sonetos só pra netos/ Luiz Carlos Junqueira Maciel; ilustrações de Ruy Cássio Martins Isidoro; músicas de José Roberto Corrêa Ribeiro*. – Belo Horizonte: Edições Horta Grande, 2005.

SILVA, Adriana Menezes. *Diversidade racial na educação infantil*. Memorial. Universidade Estadual de Campinas, 2008

VASCONCELOS, Fátima. Bonecas: objeto de conflito identitário na arena da dominação cultural. In: Seminário de formação continuada de professores: desafios e perspectivas da Secretaria Municipal de Educação de Fazenda Rio Grande. ICEET. Disponível em: [www.angeped.org.br](http://www.angeped.org.br) Acesso em: 28/01/2010.

**ANEXO I**

UMEI CARLOS PRATES DANIELLE MITTERRAND

Avenida Nossa Senhora de Fátima, 2283  
Carlos Prates – Belo Horizonte – MG

GENTILEZA RESPONDER AS QUESTÕES ABAIXO. ELA SERÁ DE GRANDE AJUDA NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS PARA A TURMA DESSA CRIANÇA. OBRIGADO.

NOME DA CRIANÇA: \_\_\_\_\_

GRAU DE PARENTESCO: \_\_\_\_\_

ASSINALE O SEU PERTENCIMENTO ÉTNICO-CULTURAL:

( ) PRETO                      ( ) BRANCO                      ( ) INDÍGENA

( ) PARDO                      ( ) AMARELO                      ( ) \_\_\_\_\_

QUAL A OCUPAÇÃO/TRABALHO DOS RESPONSÁVEIS PELA FAMÍLIA?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O QUE OS FAMILIARES COSTUMAM FAZER NO SEU HORÁRIO LIVRE? VOCÊ TEM ALGUMA HABILIDADE OU ATIVIDADE QUE NÃO SE RELACIONE AO TRABALHO?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

VOCÊ JÁ SENTIU OU OBSERVOU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NO SEU AMBIENTE DE TRABALHO OU NA COMUNIDADE EM QUE RESIDE? QUAL?

\_\_\_\_\_

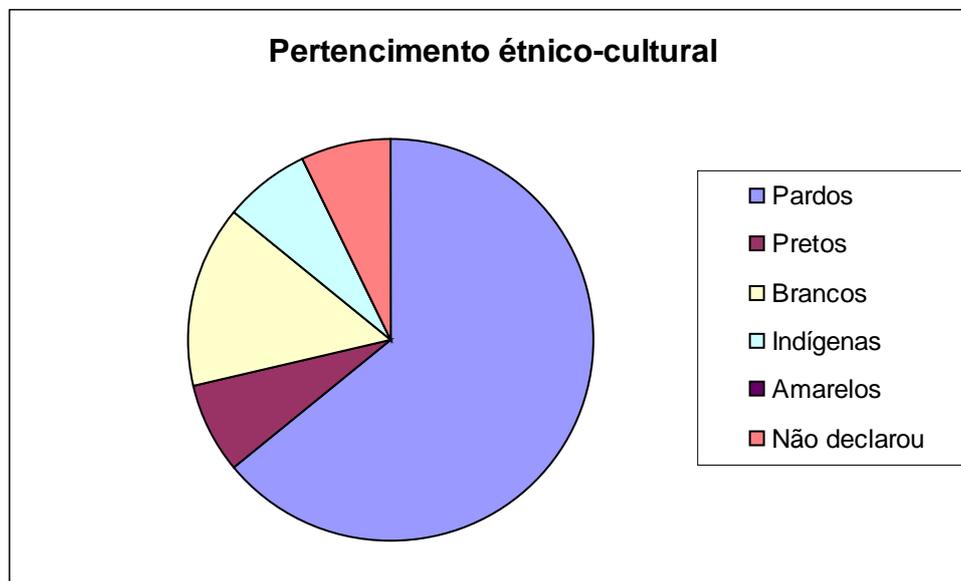
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

QUE EXPECTATIVAS VOCÊ OU OS OUTROS FAMILIARES TEM PARA ESSA CRIANÇA?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**ANEXO II**

Dados da turma Amarelinha – 20/10/2010

UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand –

**ANEXO III**

Bonecas abayomis



Família Terapêutica